

CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL CATEQUÉTICO E A INFLUÊNCIA TECNOLÓGICA NO CONVÍVIO FAMILIAR

Daniela Welchen¹

Soeli Kothe²

Elaine Weber Skrsypcsak³

Resumo: No presente artigo serão abordados temas referentes ao contexto histórico cultural da catequese, priorizando a influência dos meios tecnológicos sobre o convívio familiar e as consequências do uso abusivo das tecnologias trazem para a família e sociedade. A partir dos referenciais teóricos e práticas de estágios realizaram-se estudos a fim de analisar as principais expectativas e anseios dos catequizandos frente a essa nova imposição tecnológica no convívio familiar. Entendendo-se que este tema é relevante perante a sociedade, pois busca conhecer melhor os princípios norteadores da família ao longo da história, convida-se o leitor a conhecer um pouco sobre o avanço da tecnologia no contexto familiar.

Palavras-chaves: Meios tecnológicos; Família; Catequizandos; Estágio.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano está introduzido em um novo contexto histórico, o século XXI, que traz em seu contexto diferentes culturas que estão transformando a ciência, a economia e a sociedade, justamente por estarem movidos pela revolução científica que abrange todos os campos da humanidade, seja no convívio familiar, na escola ou na comunidade. Com estas transformações vem uma nova linguagem, uma nova era, movida pela tecnologia, tornando a vida mais fácil, porém muitas vezes, insignificativa.

É partindo deste pressuposto que se apresenta no decorrer deste artigo a influência da tecnologia sobre o ser humano, enfocando principalmente da base sólida humana, a família. Neste sentido, dialoga-se com os catequizandos a fim de descobrir as principais consequências do uso abusivo das tecnologias dentro do convívio familiar. Em contrapartida busca-se, em meio a tantas tecnologias, um espaço para o diálogo entre pais e filhos.

Para trabalhar este tema polêmico entre os adolescentes, primeiramente faz-se necessário conhecer a base fundamental de cada ser humano, a família.

¹ Acadêmica do 7º semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga.

² Acadêmica do 7º semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga.

³ Professora orientadora da disciplina Estágio Supervisionado V - Espaços Não Escolares do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga.

É nesta perspectiva que refletir sobre a família juntamente com os meios tecnológicos que estão em constante modificação, transformando assim a sociedade e modificando parte da base sólida do ser humano, necessita estar em evidência.

Para compreender melhor a realidade desta era transformadora da tecnologia, realizou-se esse Estágio Supervisionado V - Espaços Não Escolares contemplado na grade curricular do Curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga, no grupo catequético, pois afinal a catequese abrange todos os campos familiares e religiosos. O estágio tem função mediadora, pois proporciona o diálogo entre um grupo, sobre temas relevantes, a fim de dialogar e conhecer em meio a este as principais utilidades e consequências que acompanham o avanço da tecnologia.

Observando todos esses aspectos, sentiu-se a necessidade da realização do estágio em um espaço que oferecesse uma cultura diversificada aos adolescentes, sendo que o local escolhido foi a comunidade de São José, interior de Tunápolis. O grupo catequético atendido pela comunidade comporta tanto adolescentes que moram em zonas rurais, como também jovens residentes na cidade vizinha, que possuem sua moradia na zona urbana.

Dentre essas perspectivas dialogou-se com o grupo catequético sobre o avanço tecnológico e suas consequências na estrutura familiar, justamente para descobrir quais são as tecnologias usadas em excesso, e suas consequências no convívio familiar. O principal objetivo desta prática era justamente abortar a influência da tecnologia sobre o convívio familiar, a fim de desvendar no mundo jovem as principais tecnologias usadas em seu dia a dia, e as consequências que estas trazem no convívio familiar.

Desta forma, sabe-se que a metodologia em que o trabalho é apresentado é um recurso significativo, porque é através dele que a prática docente poderá ter um resultado positivo e produtivo, sendo que "os métodos de ensino são as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino". (LIBÂNEO, 1994, p.152)

Como acadêmicas em busca de uma formação dentro do campo educacional e em espaços não escolares, acredita-se muito em uma metodologia baseada em relações, nas quais o sujeito é participativo do processo educacional e o professor é um mediador do conhecimento, ambos produzem um ambiente democrático e desejam que este seja articulado também no convívio familiar.

Diante disso, utilizou-se uma metodologia que visa respeitar todos os integrantes do processo da prática docente. Elaborando um roteiro diversificado e autêntico a fim de compreender a influência da tecnologia sobre o convívio familiar. Para compreender melhor esta relação entre a prática docente em campos catequéticos é necessário voltar-se ao contexto

social/histórico no qual a catequese foi inserida como o primeiro meio educacional no período histórico da colonização e partindo dessa abordagem inicia-se o artigo

2 INFLUÊNCIA CATEQUÉTICA SOBRE O CONTEXTO EDUCACIONAL

Para compreender melhor a interferência da catequese em relação a educação atual, é necessário voltar à história de colonização do Brasil, sendo este um período marcante para a educação, constituindo ainda uma referência ou mesmo um marco histórico para a educação.

É partindo deste pressuposto que se realizou a prática educativa em um campo onde a educação criou seus primeiros frutos. Nesse sentido deve-se voltar para a era da colonização ou da chegada dos jesuítas as terras brasileiras, ou mesmo, para o início da catequização e/ou escolarização dos índios.

É a partir destas inquietudes sobre a catequese e escolarização que vários aspectos vêm a mente. No entanto qual a relação da catequese com vida educacional de um pedagogo? Será que a catequese pode ser um espaço educacional? Como se deu o início deste processo?

É a partir dessas problemáticas que se volta à antiguidade para obter os melhores resultados. A partir disso se dialoga com Alves (2008) que afirma que a catequização deu início no período da colonização, com a chegada dos primeiros missionários da companhia de Jesus, os Jesuítas. Eles tinham a missão de catequizar os índios, e convertê-los a religião católica.

A partir desse momento já se percebe a influência catequética sobre o povo brasileiro. Pois a “religião era um importante instrumento de controle e submissão dos indígenas no projeto da colonização.” (ALVES; OLIVEIRA; BORELLA, 2008, p. 24). Sendo que a religião tinha a missão de catequizar e instruir os indígenas, convertendo-os a fé católica. Além disso, a igreja também estava voltada à educação, pois existe uma relação entre a catequização e a educação. Desta forma, “A catequização tinha início com a educação das crianças e dos jovens indígenas. Para isso, os jesuítas fundaram colégios em Salvador e São Paulo”. (ALVES; OLIVEIRA; BORELLA, 2008, p. 24). Esses colégios eram fundados “para moldar o espírito das crianças das mais diversas comunidades” (VESENTINI; MARTINS; PÉCORRA, 2012, p. 61).

De acordo com os referenciais teóricos apresentados percebe-se que os jesuítas usavam os colégios e a educação para converter os indígenas brasileiros. A partir da retomada histórica percebeu-se que a catequese sempre estava diretamente ligada à educação. No entanto, na atualidade, será que a catequese ainda está vinculada à educação? Será que há uma relação direta entre pedagogos e catequistas? Ou mesmo quem são os catequistas hoje em dia?

Desta forma, se evidencia que a catequese também pode ser considerada um ensino, sendo que aprendizagem está diretamente ligada a metodologias humanas, envolvendo o amor em todos os processos, além de zelar por uma educação baseada nos princípios humanos, voltando-se basicamente à determinada religião.

Complementando essa ideia, Stigar (2009) coloca que a catequese é pedagogicamente estabelecida e construída a partir de unidades didáticas envolvendo metodologias diversas. Desta forma entende-se um pouco melhor a trajetória e a relação da catequese e a educação. Na atualidade, grande parte dos catequistas é formada por docentes, isso se evidencia em quase todos os centros pastorais.

Acredita-se que este fato aconteça, pois a educação e a catequese estão diretamente ligadas a valores humanos e aprendizados, sendo que há uma divergência muito grande em relação aos conteúdos trabalhados em centros catequéticos no qual a catequese se resume a uma única religião, crença. Ao contrário, em ambientes escolares há diferentes crenças e religiões que são respeitadas pelos profissionais da educação.

É a partir deste pressuposto que se realizou essa formação continuada através do estágio, em centros catequéticos, envolvendo os catequizandos para refletir sobre o uso e abuso das tecnologias e a interferência das mesmas no convívio familiar.

3 OS CATEQUIZANDOS FRENTE ÀS IMPOSIÇÕES TECNOLÓGICAS NO CONVÍVIO FAMILIAR

Diante dos referenciais apresentados ao longo deste artigo, observa-se que a prática está ligada ao embasamento teórico, pois durante a realização da prática do estágio observaram-se várias dimensões em relação ao tema.

Acredita-se ser necessário destacar atividades significativas decorridas, juntamente com seus objetivos, metas e resultados. A presença da tecnologia é fato consumado em grande parte das famílias, no entanto constatou-se pelas diferentes faixas etárias que nem todos os catequizando possuem equipamentos tecnológicos próprios, sendo que a maioria era destinada para a família.

É importante questionar a reação dos catequizandos perante a apresentação do tema em discussão, pois os adolescentes se sentiram angustiados sob a necessidade de aceitar/discutir o fato de a tecnologia estar presente em suas vidas afetando o convívio familiar. Aprofundando o tema em questão, vários catequizandos se identificaram com o quadro, considerando-se usuários ativos das redes sociais, dedicando pouco tempo ao convívio familiar. “Faço o uso

das redes sociais continuamente, sempre estou conectada, só paro na escola, onde é restrito o uso do celular, caso contrário, estou sempre online, e não me desconecto para conversar com meus pais ou ajudar nos afazeres domésticos”. (Catequizando A)

Como os catequizandos não são unicamente naturais daquela comunidade rural, observou-se ainda que as crianças vindas da cidade vizinha, que convivem em espaços urbanos utilizam mais os meios tecnológicos, como também ocupam grande parte de seu tempo em meio a redes sociais, jogos e programas de televisão. Os pais residentes em zonas urbanas precisam trabalhar fora de casa, deixando assim seus filhos, na maior parte do tempo, ocioso (FRIEDMANN, 2012). Desta forma, as crianças procuram seu divertimento em frente aos computadores e jogos diversos. As crianças da zona urbana “ficam expostas a influência da mídia que acaba incentivando o consumo e preenchendo o vazio deixado pela ausência contínua dos pais”. (FRIEDMANN, 2012, p.17) Sendo esse um alicerce da tecnologia para criar cada vez mais novos usuários.

O estudo em questão se tornou ainda mais curioso e instigante no momento em que houve um diálogo com tomada de opiniões sobre os meios tecnológicos entre os adolescentes do meio rural e urbano, sendo que esse diferencial se apresentou de forma visível na elaboração dos aparelhos tecnológicos que se propôs durante a prática. Este momento evidenciou as diferenças culturais e sociais desses adolescentes. Aqueles residentes na zona rural produziam aparelhos tecnológicos conhecidos e utilizados em casa, como rádio, televisão, telefone sem fio...

Por outro lado os catequizandos vindos da cidade confeccionaram aparelhos modernos de uso contínuo e viciantes. “Nós vamos produzir um tablet, e iphone, pois estes são mais modernos, e podemos encontrar tudo o que queremos nada é enjoativo e eles vêm cada vez melhores”. (catequizanda C)

Ainda se destacou um grupo de meninos que moram na zona rural, mas sonham ir para a cidade, “pois neste ambiente é mais cômodo, tem mais modernidade e é diferente do campo” (catequizando E). Desta forma, confeccionaram um tablet, que seria o sonho de consumo de cada um, pois nenhum possuía este aparelho.

Um aspecto importante a ressaltar durante esta confecção, e também durante as explicações, foi a presença de um adolescente com síndrome de Down, sendo que a aceitação do grupo foi de carinho; este menino foi acolhido por um grupo que o auxiliou na confecção, respeitando suas possibilidades. O pai estava presente e acompanhou a prática de estágio, ajudando e orientando seu filho. O “contato com a família é intenso para mostrar o

desenvolvimento da criança, fazendo com que os pais percebam isso e estimulem essas habilidades também em casa.” (CAVALCANTE, 2012, p. 42)

Além disso, este menino mostrou que tudo se pode quando se quer, pois mesmo diante das dificuldades encontradas, com o auxílio do grupo construiu coletivamente seu aparelho tecnológico. Desta forma refletiu-se sobre o papel de educador diante dessa situação usando as sábias palavras de Freire:

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria e a fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e me imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições matéricas necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. De boniteza que se vai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (FREIRE, 1997, p. 115-116).

Durante a apresentação dos aparelhos confeccionados percebeu-se o desconforto em relação aos catequizandos que não possuíam tecnologias modernas em relação aos demais. Sentiam-se inferiores com menos conhecimento. “Já ouvi falar tanto desse tablet, mas desconheço sua utilidade, não sei pra que serve esse negócio” (catequizando P.)

Em outros momentos durante a prática também se percebeu o controle dos pais perante o tempo, espaço e momento destinado ao uso de computadores principalmente para jogos eletrônicos. “Meus pais só me permitem jogar uma hora por dia, depois que realizei meus afazeres domésticos e meus temas de escola, posso ficar jogando das 19h às 20h.” (catequizando B)

Desta forma é importante salientar que a tecnologia só corrompe famílias desestruturadas perante sua natureza, pois pais presentes que estipulam limites aos seus filhos, possuem um convívio familiar bem sucedido, pois, organizam suas tarefas, momentos entre família e de descontração aos filhos. “Sempre temos um tempo juntos onde ajudo meus pais a tomar chimarrão, conversar, tirar dúvidas escolares...” (catequizando B).

Após várias atividades de reflexão sobre a importância da família e do convívio familiar, sensibilizaram-se os catequizandos para estes produzirem uma carta, que seria entregue aos pais sobre a aprendizagem do dia e da real importância da família para sua vida. Neste sentido,

colocou-se uma música de fundo refletindo sobre a importância dos pais na constituição humana. Deixou-se o tempo necessário para produzirem seu trabalho. Nas produções evidenciou-se que a sensibilidade com o tema atingiu grande parte dos adolescentes, pois nos relatos consta;

“Hoje, realmente entendi o papel dos meus pais para mim. Por isso peço desculpas quando não entendia o que vocês falavam, quando eu ficava muito tempo na frente do computador, não falava direito com vocês, sarnei tanto até conseguir meu celular e não valorizo nada o que vocês fazem por mim. Hoje aprendi muita coisa na família, a confiar, que Deus sempre é justo, me arrependo do mal que fiz a vocês. [...] amor maior que família não existe. Só na família há este amor iluminado por Deus”. (catequizando F)

“Hoje quero dizer obrigado pai e mãe por ter me ensinado tudo o que sei a paz, o carinho, o amor, a felicidade, o respeito, amar meus amigos, a educação, a fé, a conviver melhor em família”. (catequizando B)

Durante esta reflexão proposta aos catequizando, é importante refletir também sobre as novas configurações familiares, sendo que a família nem sempre é composta pelo pai, mãe e irmãos. Sendo o caso de um catequizando que convive com padrasto, uma configuração familiar diferente, mas não inferior.

A expressão ‘novas configurações familiares’ é recente e retrata uma nova realidade familiar. No entanto, vale ressaltar que há diferença na expressão ‘famílias desestruturadas’ pois estas possuem insuficiência ou carência dos pais e reconhece neles os responsáveis pelos problemas apresentados pelos filhos. (TEPERMAN, 2012)

A simples constatação de todas essas mudanças é mais do que suficiente para confirmar que aquele modelo clássico de família, construído a partir da modernidade, não se sustenta mais e que novos caminhos devem ser traçados a partir da nova realidade que se configura e se desenvolve a uma velocidade cada vez maior. (GERMANO, 2011, p.118)

Outro fato marcante dessa intervenção sobre família e meios tecnológicos se deu com um catequizando que não estava se envolvendo durante as atividades, fazendo pouco caso das explicações.

No momento de escrever a carta rabiscou-a, e entregou sem sequer escrever alguma palavra a sua família. Percebendo essa situação, procurou-se conversar com o menino e argumentar com o ele sobre o motivo pelo qual não quis escrever e refletir sobre sua família. No entanto, a reação do menino foi de silêncio e isolamento.

Sentiu-se muito por este menino, pois ao conversar com a catequista, ela explanou sobre a situação precária que esta família se encontra. Não há contanto direto com os filhos, preocupações ou os cuidados mínimos de sobrevivência de uma criança. Reflexo de um ser em construção, com marcas de desestrutura familiar, sem amparo familiar, na escola não se percebeu as aflições vividas pelo mesmo, a sociedade rotula e julga, então, ao tocar nesse assunto abriram-se feridas e as dores e lembranças retornaram. Foi respeitado seu silêncio, mas ficou o desejo de seguir com essas reflexões, não somente aos filhos, mas também aos pais.

Diante dessa situação reflete-se sobre as falas Larrosa (2002, p.24) que fala das experiências:

A experiência, a possibilidade de que algo novo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer para pensar, para olhar, para escutar, pensar mais devagar, parar pra sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender na opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A partir dessa reflexão, cada qual deve se tornar mais compreensivo em relação à caminhada pedagógica, percebendo que o contexto familiar está presente em cada criança de forma diferente, no entanto influencia na caminhada daquela criança para toda a vida, tanto na escola como na vida em sociedade.

Após a produção da carta refletiu-se sobre este momento com todos os catequizandos, trazendo para eles uma mensagem e os 10 mandamentos da família para reflexão. No final do encontro, abriu-se espaço para questionamentos sobre o aprendizado e a experiência que esta tarde proporcionou. “A família é muito importante para todos nós, com ela nós sorrimos, choramos, brincamos, convivemos. Enfim, família é tudo, ela nos dá força e nos ilumina”. (CATEQUIZANDO G.)

Desta forma, é importante frisar que as condições necessárias para criação de crianças não estão contidas pela forma que se apresentam as famílias, (TEPERMAN, 2012), mas sim como está transmitindo o conhecimento e trabalhando a relação e a importância do convívio familiar com a utilidade correta dos meios tecnológicos, para assim, formar cidadãos criativos e autônomos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar: Como é bom ser pedagogo! Independente do lugar no qual se atua para quem se explana ou com quem se está, o que importa é simplesmente o fato de estar unidos por um só objetivo, o saber. O saber ensinar e o saber aprender transformam os profissionais para atuar em qualquer área, espaço, lugar ou tempo simplesmente pelo fato de querer ensinar, indiferente se forem crianças, jovens ou adultos, pois afinal, nunca é tarde para socializar saberes.

É desta forma que se conclui a prática de estágio, simplesmente se sentindo abençoados pela profissão escolhida e sobre diversos leques que esta abre para atuação.

Ser bem recebidas em um novo espaço é gratificante, mostra como acreditam em novos valores que os futuros educadores podem trazer para a sociedade. A vivência desse estágio foi simplesmente uma experiência maravilhosa. Extremamente felizes e realizados quando se trata do estágio, que a prática deu certo, atingindo nossos objetivos.

O tema escolhido é algo polêmico, e muitas vezes contraditório para os adolescentes. No entanto, buscou-se sensibilizar a grande parte dos catequizandos em relação ao verdadeiro papel da família e a importância deste convívio. Contudo, alguns não deixaram de jogar ou passar horas em frente ao computador, mas com certeza darão mais valor, amor e carinho a seus familiares.

Percebe-se assim que, além de professores, se deve ser amigo, ouvinte, dinâmico, despertando a curiosidade, principalmente estar preparado para imprevistos, ser criativo e honesto, comprometido com o grupo.

Acreditar na educação é o que faz querer continuar com o sonho de ser pedagogos, ensinar as crianças, jovens ou adultos se torna algo saudável para a vida, mostrando como é bom e como se pode apostar em uma verdadeira educação. Uma aprendizagem o que se levará desse estágio, desafios fazem afirmar como foi bom esse aprendizado, carregado de informação e conhecimentos que servirão de alicerce para inúmeros outros trabalhos tanto teóricos como práticos.

Vale ressaltar o quão maravilhoso é estar em sala de aula ou no convívio social, ensinando e em todo momento aprendendo juntamente com a sociedade. Refletir a cada momento sobre a preciosa missão de ser pedagogo e educador com uma formação adequada, sentindo orgulho da sua profissão, sendo capaz de despertar a curiosidade e o encantamento pelo ensinar e aprender.

Acredita-se que essa foi mais uma experiência única durante o estágio, pois possibilitou ver o quanto é importante trazer o assunto na teoria e realizar a experiência na prática, pois foi nesse momento que se exprimiu ao máximo as possibilidades que este assunto oferece.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de; BORELLA, Regina Nogueira. **Projeto prosa: história, 5º ano**. São Paulo: Saraiva, 2008

CAVALCANTE, Meire. Capacitar para incluir. **Pátio: educação infantil**. Porto Alegre, RS, nº. 32. p. 40 - 43. julho/setembro, 2012.

CATEQUESE E FAMÍLIA. Disponível:

<http://catequistabr.dominiotemporario.com/doc/CBV-CATEQUISTA-FORMAÇÃO-DIO-PA-12.pdf>. Acesso: 05 de jun. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FRIEDMANN, Adriana. É hora de discutir o que queremos para nossas crianças. **Pátio: educação infantil**. Porto Alegre, RS, nº.32. p. 16-19. julho/setembro, 2012.

_____. **O brincar na educação infantil: observações, adequações e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

GERMANO, Marcelo Gomes. **Uma nova ciência para um novo senso comum** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 400 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.All

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *João Wanderley Geraldi*. Revista Brasileira de Educação. n. 19, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

STIGAR, Robson. **A história da catequese no Brasil**. Publicado em: 04/01/2009.

Disponível: <http://www.artigonal.com/religiao-artigos/a-historia-da-catequese-no-brasil-709653.html>. Acesso em 06 de jun. 2015.

TEPERMAN, Daniela. As novas configurações familiares e a criação das crianças. **Pátio: educação infantil**. Porto Alegre, RS, nº. 32. p. 40 - 43. julho/setembro, 2012.

VESENTINI, José Willian; MARTINS, Dora; PÉCORRA, Marlene. **Ápis historia 5ºano**. Brasília DF: Ática, 2012